

CAPÍTULO II

TENDÊNCIA MUNDIAL, UMA IDÉIA PERIGOSA

001 - MODERNIDADE OU MODISMO IRRESPONSÁVEL: Muita gente, em todas as áreas, em nome da modernidade, cita a expressão “tendência mundial” como algo sedutor e que não pode ser impedido. Referem-se a este clichê como uma onda irreversível e contra a qual é melhor logo se adaptar. Existem, obviamente, tendências mundiais irreversíveis no campo social, econômico, político e tecnológico. Dificilmente voltaremos a presenciar uma economia escravista, a aceitação do poder divino dos reis ou galés movidas a remo realizando o comércio litorâneo.

No entanto, existem soluções políticas, sociais e, até, tecnológicas, nas áreas acima citadas, específicas de cada povo, de cada país, de cada região. Para não se falar em nível cultural, onde as manifestações são muito mais variadas.

Quando as pessoas referem-se à “tendência mundial” normalmente estão com os olhos exclusivamente voltados para Europa Ocidental ou para os Estados Unidos. Isso, às vezes, é muito positivo quando pode vir a trazer para os povos menos desenvolvidos modernizações tecnológicas, científicas ou administrativas. No entanto, pode ser por demais danoso caso essas soluções importadas não venham a se adequar à realidade em questão.

No caso da cinofilia, deve cada povo, cada país, procurar soluções autenticamente nacionais, mesmo porque não há nenhum comprometimento autêntico que possa nos forçar ao contrário. Assim sendo, não há por que não buscar alternativas que venham principalmente realizar os anseios da maioria dos criadores e proprietários nacionais. Afinal, eles que são os donos verdadeiros da cinofilia de cada país. Suas preferências é que devem ser priorizadas. Infelizmente, a maioria das pessoas que têm o poder de decidir estão muito mais preocupadas em saber qual é a “última” lá fora do que em se preocupar no que pensam os criadores e compradores de cães de seu país. Os americanos da AKC, a despeito do grande desserviço que realizam à cinofilia funcional, sempre procuraram alternativas próprias, pena, que quase sempre ruins. A princípio, podemos até parecer contraditórios ao defendermos soluções locais e ao mesmo tempo pregarmos a manutenção dos padrões originais.

As diversas raças têm padrões que se modificam com o passar do tempo. Na Inglaterra, até meados do século XIX, essa mudança era uma busca maior de adequação às suas finalidades. Nesta época, algumas raças inglesas começaram a ter seus padrões modificados sem preocupação funcional. Quase um século mais tarde, que muitos outros países começaram a modificar de forma funcionalmente deletéria seus padrões raciais. Faz tempo que essas alterações, de modo geral, visam modismos e supertipias, e deixam de serem evoluções para se tornarem degenerações. Normalmente, essas degenerações partem justamente dos EUA e Inglaterra, e, às vezes, por incrível que pareça, são aceitas até nos países onde as raças se originaram. Embora, com certeza, a maioria dos cinófilos não concorde com estas mudanças, parte do público e muitos daqueles que freqüentam as pistas de exposição, sentem-se fascinados pelo *show* e profissionalismo dos americanos, confundindo isso com a qualidade de sua cinofilia. Nos EUA, grandes espetáculos são montados reunindo grande número de cães, expositores e público, trazendo, infelizmente, cães de baixíssimo conteúdo cinotécnico funcional, tanto em nível de temperamento como estrutural. Enquanto ficam colocando em primeiro plano de um julgamento um detalhe na inserção das orelhas, não vêem uma deficiência geral da estrutura nem uma falta total no temperamento. Criam seus modismos, suas supertipias insanas e os expõem para o mundo como o novo paradigma a ser seguido. Não que isso eles desejem, pois estão se lixando para o que o resto do mundo pensa, mas, o que é pior, o mundo os segue mesmo que eles não façam força para isso.

Enquanto a cinofilia inglesa já se encontrava em franca degeneração, a cinofilia alemã forjava orgulhosamente o Dobermann e mantinha outras raças excelentes com o antigo rottweiler, o pastor alemão e o boxer. Mas, a perda de duas guerras pela Alemanha, a influência americana e inglesa, que incluía ocupação militar, além de um enorme complexo coletivo de culpa pelos horrores da guerra, fizeram com que este país começasse a rejeitar tudo o que pudesse lembrar militarismo ou a falsa idéia de violência, ainda que um simples treinamento de cães. Tanto é verdade, que a cinofilia de guarda alemã restringe-se quase que exclusivamente ao schutzhund, sendo até as provas de ringue foram proibidas por lá. Com o tempo, por toda a Europa, quase que exclusivamente os países protegidos pela Cortina de Ferro e algumas exceções restritas a bolsões na Espanha, na Turquia, etc., mantiveram alguma funcionalidade cinológica, além, é claro, de alguns clubes esportivos disseminados pela Europa. Uma das exceções foi a Bélgica e o seu Pastor Belga de Malinois, que está sendo selecionado de forma satisfatória até os dias de hoje. Dizem alguns que houve nesse cão misturas de bull and terrier para incrementar seu drive de rapina.

Um paralelo pode ser estabelecido com a música onde se podem criar ídolos para o grande público, cujo sucesso baseia-se muito mais em algum carisma e postura teatral, bem como, nos mega eventos e marketing que os cercam, do que na qualidade de suas músicas do ponto de vista da harmonia, melodia ou poesia. Aliás, nos dias de hoje, infelizmente, é o mais comum. A dificuldade da AKC em reconhecer raças registradas em todo o mundo, traz, para os menos avisados, a imagem de grande exigência e qualificação. O proprietário ou mesmo o criador medianamente conhecedor, aquele que não conhece bem e nem sabe interpretar um padrão, muito menos questioná-lo, acaba por procriar suas fêmeas com os campeões, muitas vezes, os menos qualificados para reprodução no sentido funcional, na inocência de fazerem o melhor possível pelos cães que criam ou no afã, ora infantil, ora comercial, de ganharem prêmios. Nessa ciranda, sem querer parecer vulgar, *a vaca vai pro brejo*.

Em verdade, não é só o desconhecimento técnico que ampara tal dinâmica, mas, o que é pior, a vaidade de conquistar títulos, ainda que tendo conhecimento de que tais títulos nada têm a ver com as características funcionais da raça que criam. Não falo somente das pessoas decorativas, isto é, daquelas que defendem assumidamente a decoratividade, falo também daqueles que são insatisfeitos com ela, mas que não conseguem se libertar do círculo vicioso que tomou conta da cinofilia mundial. Alguns até gostariam que a seleção fosse realizada de forma diferente, mas nada fazem para modificar tal estado de coisas. De bem intencionado o inferno está cheio, diz o ditado popular.

Constantemente, temos contato com antigos criadores de raças diversas de guarda que vêm a nós interessados em adquirir cães de guarda efetiva ou conselhos sobre onde consegui-los. Quase todos reclamam que não encontram mais bons cães, principalmente em relação à estrutura e temperamento em suas antigas raças. “*Eu sempre fui fiel a tal raça, mas agora acho que ela se estragou*”, é o que mais escutamos. Ao mesmo tempo, que temem o mito que representa para eles o Pit Bull, em função da mídia negativa que se fez contra esta raça, procuram um cão de coragem em quem possam confiar. Muitos criadores de raças efetivas (novas ou distantes dos centros decorativos) poderiam explorar tal fato em favor de seus interesses comerciais e simplesmente se calar. Mas, aqueles que optam pela cinofilia efetiva quase sempre estão comprometidos com o idealismo e são adoradores de todos os cães de guarda e sentem-se no dever de não se silenciarem. De nossa parte, gostaríamos, inclusive, que houvesse uma saudável concorrência nas provas de ringue e ver cães de todas as raças bem estruturados e característicos, mas sem as danosas supertípias. Que coisa linda seria ver mastins, dogues alemães, pastores belgas, pastores alemães, rottweilers, dobermanns, americans staffordshires terriers, boxers, etc., todos disputando provas de trabalho efetivo, sendo corretamente selecionados em qualidades de guarda que incluem eficiência real, intensidade e controle temperamental. Que emocionante seria ver as raças de guarda renascerem das cinzas! Mas *sahib** acharia ruim. Iria criticar. E haveria pessoas aqui que teriam vergonha, pois alguém diria que isso não é coisa de gente civilizada, confundindo civilização com

decadência, e como se alguém devesse dar a um outro alguém alguma explicação. Que nós saibamos, nunca nos deram. Isso se chama complexo de subdesenvolvimento.

* *Sahib*: maneira respeitosa com a qual os hindus chamavam os colonizadores ingleses durante o domínio inglês na Índia.

Será que treinar responsabilmente cães para a defesa, sem nenhuma conseqüência para homens e animais, seria alguma crueldade ou selvageria? E os bombardeios sobre cidades matando e mutilando pessoas, cães e outros animais, pelos interesses econômicos das grandes potências? Isso poderia se considerar civilizado? O que dizer da destruição das florestas tropicais em função destes mesmos interesses com a perda do habitat de inúmeras espécies? E os produtos químicos cuja utilização é proibida nos países industrializados, mas que suas empresas produzem e vendem, sem nenhum constrangimento, em nações africanas, asiáticas e latino americanas? E a criação de animais chamados “de corte” e seu abate frio e cruel seria civilização?

Alguns deslumbrados com as inovações lá de fora, retrucariam que não se pode comparar os números da cinofilia realmente efetiva com a que está tomada pela decoratividade, principalmente na parte que toca à AKC americana e, hoje, também, a própria FCI. É claro, que temos que concordar que o mercado americano e o europeu ocidental em todos os sentidos são superiores em números, justamente onde se pratica com mais freqüência a cinofilia mais divorciada da funcionalidade. Só que estamos nos referindo à qualidade efetiva de guarda, não de números, muito menos de qualidades decorativas. Falamos de qualidade cinotécnica, não de quantidade nem de cifras envolvidas, menos ainda de espetáculo, show e de outras atividades extrovertidas e sem consistência.

002 – IDENTIDADE CULTURAL CINOLÓGICA: Todos os países devem ter suas identidades culturais e cinologia é cultura. É claro, que os padrões morfológicos e o padrão temperamental original das raças devem obedecer ao que foi estabelecido quando as raças estiveram em seu auge e em harmonia com os padrões estruturais de todos os outros países de origem de cada raça. Notem que não devemos ser fiéis aos padrões quando esses não sejam também fiéis às origens das raças. Não podemos acompanhar degenerações na morfologia nem no temperamento. Não podemos ser coniventes com o fim da funcionalidade, com a degeneração, com tudo que há de desprezível e hipócrita no mundo da cinofilia. Por outro lado, se um dado país degenera suas raças nacionais, isso não nos dá a obrigação de acompanhar tal atitude. Ora, pois, quando importamos uma raça de guarda há sessenta, setenta anos atrás, importamos uma raça de guarda, um cão que viesse a servir a nossos propósitos funcionais e também psicológicos que um cão de guarda deve suprir. Se os países que exportaram tais raças resolvem estragá-las, isso não nos cria a obrigação de também fazer isso. Muito pelo contrário, devemos ser fiéis aos cães que importamos outrora e não à decoratividade, à degeneração e a decadência, não somente na cinofilia mas em nada. Em relação, por exemplo, ao Dobermann, devemos respeitar mais a Herr Dobermann ou ao atual presidente da FCI? E quanto ao Fila Brasileiro, o grande nome não será sempre Paulo Santos Cruz? Digo o mesmo sobre Ralf Schein Bender e sua abnegação ao Buldogue Campeiro que possibilitou que a raça saísse da obscuridade e possivelmente da extinção.

Além do mais, os mercados de países como Brasil, México, Rússia, Ucrânia, etc. não são inferiores a de muitos países do chamado “primeiro mundo”. Cada país tem suas características peculiares. Características estas, que exigem uma postura diversa, que viria, sem sombra de dúvida, trazer enorme incremento a cada cinofilia nacional. Muito embora, Brasil, México, Rússia e Ucrânia isoladamente não possam ser comparados aos USA em termos de pujança econômica, deve-se levar em conta que a pobreza cinológica de muitos países, no que tange a número de cães registrados e de animais inscritos em exposições, deve-se certamente ao fato de não terem uma cinofilia adaptada às preferências de seu povo. Sendo assim, só o fato de copiar modelos exógenos, em muitos aspectos torna inviável tal

desenvolvimento. Criador há algumas décadas, dirigente cinófilo, adestrador e convivendo com centenas de pessoas em função de sua colaboração em diversas raças, o autor, com toda a convicção, garante de que mais de noventa por cento das pessoas, entre proprietários e criadores, gostariam de uma cinofilia mais dinâmica e funcional. Inúmeros criadores de cães de raça pura sequer fazem questão dos pedigrees tendo em vista o descrédito em relação à sua utilidade, justamente por não concordarem com a postura puramente decorativa adotada para muitas raças tipicamente de defesa, e por, talvez, associarem a imagem do cão que possui pedigree com o isento de bom temperamento para a guarda. Infelizmente, a falta de pedigree acaba levando que, nessa dinâmica, os melhores cães acabem não se reproduzindo e não dando continuidade à sua genética. Também o autor tem suas dúvidas se, em muitos casos, em muitas raças, a parcela de cães sem pedigree não é a que abriga os animais mais funcionais. Até que ponto a crença popular não se justifica?...

Como exemplo da qualidade e de capacidade de raças criadas fora da cinofilia de países da Ásia, África, América Latina, Europa Oriental e nos USA (mas desfilada da AKC), em termos, exclusivamente, de cães de guarda ou com temperamento aproveitável para guarda, podemos citar: Pastor da Ásia Central, Pastor Gigante da Ásia Central, Kangal, Pastor Anatoliano, Bully Kuta, Afrikan Boerboel, Fila Brasileiro, Dogue Brasileiro, Buldogue Campeiro, Buldogue Serrano, Dogo Argentino, Cimarron, Dogo Guatemalteco, Pastor do Cáucaso, Canis Panther, Donovan Pinscher... Muitas das raças retro citadas sequer participam de exposições de estrutura, exceto especializadas. Algumas nem têm exposições especializadas. Com certeza, esse é um fator que as mantém longe da decorativização. Infelizmente, outras estão sendo exportadas e consideradas uma gracinha pelos decorativos... Também, com certeza, há muitos mais nomes que poderíamos aqui colocar. Aliás, não poderíamos escrever este livro sem render um tributo aos criadores do dogo argentino, os irmãos Nores Martinez, sem dúvida, dois dos maiores destaques entre os grandes cinófilos de toda a história da cinofilia. Informações, também nos chegaram há muitos anos, da eficiência efetiva do Kangal raça oriunda da Turquia, país que honra sua identidade cultural, não contaminada pelo vírus da escola decorativa. A eficiência do Kangal, no entanto, não parece ser desviada para provas de temperamento, restringindo-se ao seu belo trabalho de guarda de rebanhos. Tal o apreço e respeito que o governo turco atribuiu ao Kangal, devido à sua utilidade e eficiência, que tentou proibir sua exportação por temer, com razão, sua degeneração no exterior. Impressiona-nos a eficiência de cães como os pastores do Cáucaso em seus ataques que podem ser vistos pela Internet. Na raça fila brasileiro, pode-se comprovar a enorme diferença de temperamento entre cães selecionados em pistas das linhagens que não sofrem tal tipo de seleção. Impressionante como nestas últimas pode-se encontrar um plantel de bem melhor temperamento. Aí vem a pergunta: será que esse tipo de evento é bom ou mau para a cinofilia efetiva de guarda? Com certeza é péssimo, mas poderia ser altamente positivo se a ele fossem agregadas provas de temperamento (de verdade) para raças de trabalho, como o era antes da influência dos padrões AKC em diversas cinofílias nacionais. Tratando-se do Fila Brasileiro, não podemos deixar de colocar um parêntese. A seleção feita pela CAFIB, purista e muito bem intencionada, de certa forma peca pelo tipo de prova na qual os cães não têm oportunidade de demonstrar e, portanto, serem selecionados também pelo drive de rapina. A seleção do fila faz muitos anos que é estabelecida somente em cima do drive de defesa, o que pode levar o cão, dentro de mais algum tempo, a uma maior insegurança. Como o cão fila é grande, muito forte, vigoroso e de aspecto temível, acaba por assustar tanto o adversário que talvez nem necessite tanto de ser seguro por acabar obtendo sua segurança na enorme insegurança que causa em seus adversários humanos. Mas, uma seleção privilegiando um pouco mais a rapina, sem, necessariamente, tirar as características do cão (muito pelo contrário, pois as características originais da raça exigiam boa rapina pelo trabalho de caça) só iriam impedir que a raça tivesse um declínio de seu temperamento pela ausência de ginastia funcional que era a caça e o acompanhamento do gado, não somente o trabalho estático de guarda territorial.

A solução seria que as provas de temperamento exigissem que o cão se deslocasse a partir de uma certa distância até o figurante e não ficasse parado, apenas respondendo a provocações. Isso, por si só, iniciaria um trabalho de seleção também em cima do necessário drive de rapina. A dificuldade seria

que a potência de tal cão dificultaria as provas com ataques lançados. Se o cão ficasse amarrado e, nessa condição, corresse até o figurante, quase que certamente iria se traumatizar gravemente ao final do curso da corda ou corrente que o prendesse. Como fazer então? A alternativa ao ataque lançado seria simples como o ovo de Colombo. Seria apenas o cão estar só e com a corda já esticada e o figurante viesse sobre ele, dando ao cão a chance de se evadir e não de reagir apenas estando estivesse encurralado. Isso não serviria somente para o fila, mas para qualquer cão de porte avantajado. Veremos posteriormente neste livro no capítulo *Como Treinar um Cão Efetivamente para a Guarda*, que o drive de defesa não é uma única entidade. Ao invés disso, é um drive que permanece provisoriamente entre a defesa resoluto e a pré-fuga, sem falar na fuga, que também não deixa de ser uma forma de defesa. A não possibilidade do cão fugir, dada pelo fato do ataque ocorrer com o cão seguro com a guia curta pelo dono, o fato da presença do dono não permitir que se avalie o cão só, podem permitir que uma boa parte do plantel não seja selecionada pela correto tipo de defesa que buscamos em um guardião. Uma pequena mudança na prova, fácil de ser feita, poderia mudar consistentemente a seleção para melhor.

Algumas raças nacionais latino americanas chegaram a ter sua proibição proposta por políticos de baixo nível que não buscam o devido amparo técnico em especialistas, mas que visam chamar atenção através de projetos demagógicos, amparados pela imprensa sensacionalista e descompromisso com a realidade. No Brasil, alguns políticos chegaram, por influência de informações deturpadas, a propor sua proibição do fila brasileiro. Que vergonha! Sem dúvida nenhuma, tudo isso acontece pelo enfraquecimento da cinofilia e dos cinófilos. Do contrário, tal tipo de proposição seria impensável.

Vamos deixar claro, que quando criticamos a cinofilia americana nos referimos exclusivamente à AKC, única entidade conveniada com a FCI, mas que parece não muito respeitar os diversos padrões nacionais aceitos por esta última. Existem outras entidades americanas, como a ADBA e a UKC, com filosofia totalmente diversa. Sendo que esta última existe desde 1898. Em outras palavras, queremos dizer que nos Estados Unidos, obviamente, não há um paradigma relativo à mentalidade adotada pela AKC, sendo que o crescimento, e até exportação, das raças não reconhecidas por esta entidade vêm aumentando ano após ano, provavelmente pelo aumento da repulsa pela criação de cães puramente decorativos. A própria AKC hoje permite a realização de provas esportivas para raças de guarda. Infelizmente, não são obrigatórias nem realmente efetivas. Mas, é sempre melhor que nada, ou não, na medida que é só pirotecnia para continuar enganando o público sobre sua suposta preocupação com a efetividade. A mudança no que se refere à aceitação de várias raças que antes não aceitava decorreu justamente por imposição do enorme número de proprietários que migravam para as raças anteriormente não reconhecidas por esta entidade.

Termos como “tendência mundial”, via de regra, parecem-nos muito mais uma relação de submissão e aceitação sem questionamentos de valores exógenos do que realmente uma evolução mundial. Não só na cinofilia, mas em tudo. Além de demonstrar um total equívoco sobre o que seria tendência atual em termos gerais não só cinolófilos (sobre isso falamos no capítulo “A Cinofilia e o Mito Masculino”), a cinofilia decorativa em termos mundiais está mergulhada em total ignorância sobre o que seja cão de guarda. Confundem agressividade com drives de proteção e chegam a crer que um cão de guarda é um animal perigoso entre outros conceitos totalmente equivocados. Quando imaginamos alguma coisa que não conhecemos muito bem, temos a tendência de, quase sempre, nos fixarmos no estereótipo que nos chega e não a seu substrato real. Exemplo disto, é, como vimos anteriormente, a visão equivocada de que o universo da cinofilia norte americana limita-se à abrangência da AKC, e que a nos USA não existe cinofilia efetiva da mais alta qualidade.

Países como Estados Unidos, Austrália, Brasil, Argentina, têm enormes territórios e não carecem de espaço e podem obter insumos relativamente baratos para elaboração de rações. No Brasil e no México, por exemplo, a segurança pública é um caos e esses países, além da necessidade arquetípica e psicológica têm a necessidades reais de uma cinofilia efetiva. Raças, como fila brasileiro, têm sido bem

exportadas para o mundo inteiro. O mercado interno do fila caiu tanto com a decadência das diretrizes efetivas que muitos criadores a retomaram. Podemos dizer que o fila brasileiro e o afrikan boerboel estavam entre as raças que mais mantinham a efetividade. Entre 1999 a 2008, o fila teve suspensa a aferição obrigatória de temperamento. Em 2008, tentou-se fazer retornar a prova. A expressão “ojeriza a estranhos” foi suprimida do padrão do Fila Brasileiro por pressão da FCI, cada vez mais decorativizada, aceitando padrões raciais que são bizarrices baseadas em supertípias em raças de guarda. No momento atual, nem sei como anda essa prova dentro da CBKC. A FCI influenciou também negativamente no padrão do Afrikan Boerboel para tentar “amenizar” seu temperamento. Ou seja, a FCI luta arduamente para retirar a efetividade dos cães. A razão que apresenta é sentir-se pressionada por políticas, sobretudo de países europeus ocidentais, sobre proibição de raças que nada mais é do que imposição da Nova Ordem Mundial ou coisa do gênero já que ninguém assume tal existência. Se é esse o nome dado, não sei. O que eu sei que existem efeitos cuja existência não se pode negar. E existem efeitos, existem causas. E, finalmente, se existem causas, alguém as provocam e de forma organizada e metódica com claros objetivos a serem atingidos. O que está além desses objetivos não sabemos. Mas, tudo indica que a demolição do mito masculino e, com ele, da família. Sem família, a célula básica da sociedade, o povo perde suas crenças, suas tradições e é mais facilmente manipulável. Por quem é para que, não temos certeza. Mas, com certeza, a intenção não é boa. Voltando ao fila, de 2008 até, pelo menos, início de 2012, a CBKC não conseguiu formular uma prova para a raça Fila Brasileiro, mesmo com o sinal verde que fez crer estar aberto para que o Fila Brasileiro – CBKC voltasse a ter sua necessária prova de temperamento. Até 2012 nada mais do que esboços complicados para algo que pode e deve ser simples. Prova mesmo, só no papel. Algo faz crer que existem forças ocultas colocando areia no negócio. Depois, não acompanhei mais a questão e nem quero mais saber sobre essa enrolação. Se há coisa que não suporte, é enrolação.

Cabem aí vários contra pontos. O primeiro é que não existe raça potencialmente perigosa por sua genética. Nenhum cão é selecionado para morder seus familiares. O que acontece é que existem raças que realmente realizam o necessário trabalho efetivo de guarda e que devem ser respeitadas por fornecerem excelente proteção às famílias que protegem. O que acontece é que existem pessoas despreparadas que querem um cão desses simplesmente para se exibir de ter um cão de raça efetiva, sem necessidade ou condições materiais de possuí-lo. Cães efetivos atacam pessoas estranhas em seu território, e esse é seu trabalho e obrigação. Há que se fiscalizar é a posse irresponsável desses animais e não proibir sua existência, pois são animais totalmente confiáveis com seus donos e familiares. A Itália foi o primeiro país europeu a voltar atrás e revogar leis proibindo raças. Chegou-se à conclusão do que já era óbvio para os entendidos: a culpa de qualquer acidente não é de nenhuma raça. Há exceções, cães que mordem seus donos? Há, mas são exceções menos importantes em número do que filhos que agredem seus pais ou pais que assassinam seus filhos ainda pequenos.

O segundo é que cães efetivos não foram criados para participarem de shows, e é incômodo para grupos de criadores decorativos ver um fila ou afrikan querendo atacar pessoas em exposições e, de certa forma, quase têm razão. Só não têm razão porque esses cães não deveriam estar em tal ambiente. A culpa não é dos decorativos que criam seus poodles e se sentem incomodados. A culpa é dos decorativos que criam mastinos napolitanos, por exemplo. Tal raça foi “abrandada” e supertipada por eles. O mastino napolitano atual é uma caricatura de mau gosto do cão de sessenta anos atrás. Agora querem fazer o mesmo com o fila e com o boerboel, com o pastor do Cáucaso e por aí vai. As entidades decorativas são as principais culpadas ao permitir que esses cães estejam em pista de show. Sempre haverá uma dondoca que qualquer sexo a querer apresentar uma raça diferente, e sendo isso permitido, sempre haverá quem o faça. Percebendo tal dinâmica é que os criadores de dogue brasileiro suspenderam sua pretensão de reconhecer a raça junto à FCI. “Enquanto não estiver reconhecido, terá pouquíssima exportação, e os decorativos não terão seus olhos no nosso cão. O cão não ficará melhor pelo fato de ser reconhecido pela FCI. Pelo contrário, já no médio prazo, começará a decair”.

Podemos notar nos sites de relacionamento, como no infelizmente extinto Orkut, que proprietários de muitas raças de guarda encontram-se totalmente insatisfeitos com sua decorativização. Muitos trocaram de raça por essa causa. Uma prova da insatisfação das diretrizes adotadas mundialmente na condução de cães de guarda é o enorme número de animais de raça sem pedigree. É claro que em grande parte dos casos são de propriedade de pessoas pobres e sem recursos para uma boa criação, mas mesmo assim, ainda se deixarmos fora esta parcela, ainda será esmagadora maioria. Se tocamos neste ponto, foi por sentirmos a necessidade de desmitificá-lo, bem como de fazer entender às pessoas que para certos países terem uma grande cinofilia falta apenas que seus criadores acreditem nas suas capacidades. Podem não ser os melhores baseados nos parâmetros estrangeiros. Mas, o que importa é serem os melhores para seus próprios parâmetros, para suas próprias culturas e necessidades.

Além de uma boa alimentação, algum espaço, noções de manejo, medidas profiláticas, noções básicas de genética e mais algumas pequenas coisas que todo bom criador nacional bem sabe, só restaria um bom material genético, que dependendo da raça, já se têm ou pode-se facilmente importar ou desenvolver. Afinal, não estamos nos referindo a mandar foguetes a Marte, ou de qualquer outra coisa que exija altíssima tecnologia. Apenas em criar cães! E eles bem criados há séculos, sem qualquer conhecimento técnico de genética. Falta à enorme maioria dos países somente conquistar identidade cultural cinológica em sintonia com as aspirações do maior número de cinófilos possíveis, até por uma questão de justiça, incluindo aqueles que são cinófilos em potencial, isto é, que se tornarão cinófilos participantes tão logo suas aspirações sejam realizadas ou se tornarem ao menos possíveis. Os criadores não perderiam terreno, apenas migrariam para as raças decorativas, que lhes são de direito. A César o que é de César e não mais.

É claro que ponderamos sem querer nos intrometer nos gostos pessoais de cada um, sobre qual ou quais raças devem criar. Mas, em caso de dúvida quanto à raça a possuir ou criar, sugerimos que, de um modo geral, que os criadores nacionais de cada país escolham sempre as nacionais. Raças nacionais, clubes especializados são os caminhos melhores para a boa cinofilia. Além do mais, contribui-se mais para a cinofilia ajudando-a a desenvolver suas raças nacionais, independente de qual raça ou país nos reportemos.

Pela experiência adquirida, nestes muitos anos a serviço desta paixão, que é a cinofilia, podemos garantir, sem nenhuma sombra de dúvidas, que mais de oitenta por cento das pessoas que possuem, ou gostariam de possuir cães das raças tradicionais de guarda, esperariam mais delas em relação ao que poderiam representar no que tange à efetiva proteção que fornecem. Devemos lembrar que aproximadamente cinquenta por cento dos caninos registrados hoje em dia pertencem ao grupo de cães de guarda, sem levar em conta os de outros grupos, mas que teriam características para realizarem esta tarefa, como é o caso dos bull and terriers. Quando falo cão de guarda, não falo cão de polícia, K9, ou coisa do gênero. Falo cão que cuide com violência se necessário for uma propriedade, que não fique amigo do invasor nem fuja ao confronto e tenha capacidade física para tanto. Com certeza, com um pouco de sensibilidade em relação aos anseios de seus proprietários, poderíamos facilmente elevar consideravelmente o número de animais registrados e presentes aos eventos cinológicos, sem falar, é claro, na melhoria substancial de sua qualidade. Mas, é inútil pregar a quem não quer ouvir. As entidades cinófilas existentes jamais nos ouvirão.

Portanto, para que possamos imaginar uma cinofilia brasileira forte, seria necessário que viéssemos a fomentar provas de temperamento, obrigatórias em todas as raças de guarda no mínimo para cães cujos proprietários almejem a reprodução, e opcionais naquelas raças que, embora não sejam de guarda possam demonstrar aptidão para tal. O mundo carece atualmente de bons cães de guarda, prova é que raças oriundas das rinhas estão sendo deslocadas para cobrir esta lacuna por todo o planeta. A despeito do fato de em alguns lugares as autoridades, levadas quase sempre por meias informações e pelos sensacionalismos da mídia, tentem desestimular sua criação, nada pode barrar o desejo das pessoas

de terem cães de proteção real, ainda que seja só para admirar a coragem e bravura do animal. Qualidades nobres por milênios estimuladas pela humanidade e não como querem alguns, aberrações. Não podemos conhecer aquilo que alguns chamam de “tendência mundial”, mesmo que concordássemos com a idéia, apenas pelas notícias televisivas que nos chegam, pois são, sem dúvida, fração da realidade como um todo. A mídia já demonstrou sua tendenciosidade no que tange os objetivos impostos pela suposta Nova Ordem. Se os países estimularem o saudável retorno de temperamento forte e equilibrado às raças que dele necessitam para sua funcionalidade e, quem sabe, até para sua sobrevivência, provavelmente teríamos muitas nações pouco conhecidas em termos cinológicos como expoentes mundiais na criação de cães de trabalho. O Brasil, por suas dimensões e importância, bem como pelas raças nacionais que possui, seria um desses exemplos. Hoje, como grande expoente cinológico efetivo, além de países já famosos por isso, como Bélgica e Alemanha, citaria a Ucrânia, seguida pela Rússia. Vêem-se na Internet vídeos efetivos maravilhosos das mais diversas raças com excelentes padrões de qualidade nos treinos. Não posso deixar de lembrar de um vídeo ucraniano de um American Staffordshire Terrier realizando um ataque incrível em uma máscara facial de proteção usada por um bravo figurante a qual o cão mordia. Uma forma eficaz de treinar um cão a neutralizar um invasor.

A seleção de cães de guarda não se baseia tão somente na intensidade de drives, mas também no equilíbrio e na capacidade de obediência e tolerância dos cães. Não permitir ou mesmo não incentivar tais provas é, além de tudo, uma irresponsabilidade, pois **a seleção deixa de ser dirigida com responsabilidade para se tornar aleatória e imprevisível.**

Para provar que não estamos enganados vamos nos lembrar da trajetória de duas raças de guarda de porte médio-grande neste país sul-americano: O Dobermann e o Rottweiler. O primeiro, apesar de ser vítima, no passado, do mesmo tipo de mito que hoje envolve o Pit Bull, teve seu auge no Brasil pelas décadas de 1960 e 1970. Enquanto o Dobermann Club do Brasil (DCB) estimulava as provas de temperamento. Até que entusiastas da escola decorativa embasbacados pela cinofilia americana, mais precisamente da AKC, conseguiram, através de suas lideranças não representativas, retirar da raça essas provas, ao mesmo tempo em que se começou a exigir que os cães pudessem ser apalpados pelos juízes nas exposições e que não mais se submetessem a provas de trabalho obrigatórias. Pior, a CBKC, na época, proibiu provas de trabalho em ambiente de exposição e desincentivou de todas as formas que se selecionasse dobermanns pelo temperamento de guarda. Com isso, a criação começou a buscar critérios americanos (AKC) e o Dobermann começou rapidamente a perder estrutura física e padrão temperamental. Ao final dos anos 1980, já estava em plena decadência. Seus registros e mesmo inscrições em exposições de beleza reduziram-se drasticamente. O Rottweiler, cão então quase desconhecido pelo grande público no Brasil, começou a ser mais conhecido após sua aparição no filme “A Profecia”. Raça de temperamento severo e seguro veio a cativar os proprietários nacionais para a lacuna deixada pela decorativização do dobermann, e nos anos 1990 embora já não se encontrasse nos mesmos padrões de trinta anos atrás e, conseqüentemente, perdendo parte de seu terreno para os pit bulls e americans staffordshires, liderava o número de registros na CBKC entre as raças de guarda. Mas, tem a esmagadora maioria de seus exemplares não registrados. Este é o preço de não adequar a cinofilia aos desejos do público. Como diz o compositor: *“todo artista tem que ir aonde o povo está”*.

Portanto, por uma questão de justiça e de inteligência, a valorização de uma criação nacional só pode ser conseguida através daquilo, que, em última análise, chamar-se-ia de *mercado interno*. No entanto, isso não se pode conseguir quando se importa modelos de criação inadaptados a cada país, critérios de seleção exógenos e que nada têm sequer com os padrões originais de cada raça e de cunho estritamente decorativo, sem qualquer compromisso com a efetividade e, até, com compromisso de destruí-la. Se isto for observado criteriosamente, países diversos, na América Latina, na África ou em qualquer parte do mundo poderiam ser exportadores de cães de guarda da mais alta qualidade, tanto de suas raças nacionais como de raças estrangeiras com os critérios com que tais raças eram criadas em suas origens quando eram efetivas. Com certeza, haveria gente de todo mundo querendo obter dobermanns

como eram os dobermanns em 1940. E a maior vantagem disso para a cinofilia seria a preservação das raças funcionais, pelo menos em bolsões de qualidade inquestionável, onde cães sem temperamento jamais entrariam na reprodução, mas que exportaria cães para todo mundo devolvendo as qualidades raciais que foram degeneradas.

A Europa Oriental, com a queda do Muro de Berlim, veio a mostrar raças degeneradas no Ocidente com a mesmas condições que tinham no Ocidente antes de serem degeneradas. Os melhores cães de guarda do mundo das raças mais tradicionais (e mais sujeitas às degenerações), encontravam-se lá.

Esta condição, inclusive, daria a nós, cinófilos, maior respeito dentro da sociedade, e menos prováveis seriam as perseguições a raças, etc. Mesmo porque, com um número de proprietários bem maior e organizados, politicamente muito menos provável seria que se ousasse atacar raças caninas, como o acontecido desde a década de 1990, quando este artifício foi usado para desviar a opinião pública dos reais problemas nacionais de diversos países, além de isso ser orquestrado por propósitos ainda não bem claros.

Os países que aproveitarem tal lacuna existente seriam líderes de criação e exportação. E a primeira coisa é romper totalmente com a mentalidade vigente pelas grandes entidades, como a FCI e a AKC. A verdade é que ninguém é líder em nada se não tiver idéias próprias e se não tiver empatia com a maioria. Devemos lembrar, que **quando se testa o temperamento de um cão testa-se, também, o seu equilíbrio**, o que vêm a diminuir consideravelmente a probabilidade de acidentes e de ataques indesejáveis. Se não fosse assim, como se explicar o aumento dos casos de ataques de cães nos últimos tempos, segundo o que se tem noticiado, justamente quando os cães de trabalho têm sido mais negligenciados no que tange ao seu temperamento?

Defenderíamos que as raças de guarda só possam participar de provas de estrutura após cada cão participar em prova básica (mas severa) de temperamento. Prova básica e severa significa provas onde se teste a coragem e a obediência de forma simples, mas com critérios rigorosos. Uma prova complicada acaba sendo custosa em termos financeiros e de tempo. Acaba não sendo realizada efetivamente por um número satisfatório de criadores para realizar alguma seleção consistente.

Isso, obviamente, só poderia beneficiar a cinofilia como um todo, valorizaria a profissão de adestrador, aumentaria o interesse pela aquisição de cães, traria muito maior arrecadação às entidades cinófilas compromissadas com a qualidade real das raças, viabilizando mais suas sobrevivências, além de valorizar os exemplares e satisfazer grande parte dos criadores. Talvez alguns não gostassem das mudanças inicialmente, mas, logo que se adaptassem, iriam ver a melhora na criação e na colocação dos filhotes. E pergunto, se não gostam de cães de guarda efetivos, por que criam raças que deveriam ser efetivas?

Sugeriríamos, às autoridades ligadas a seus ministérios de agricultura e pecuária (no Brasil, a CBKC foi abrangida por esse ministério) que criem condições para que se formem autênticos bolsões de qualidade, exigindo, qualificação de temperamento para todo cão de guarda a se reproduzir. Para tanto, dever-se-ia criar um departamentos autônomos ou entidades, dada à importância do assunto, com a incumbência de estabelecer normas, emitir títulos, formar árbitros e realizar provas de trabalho como opção, a critério do proprietário, para todas as raças de cães ditos de guarda. Tais provas seriam obrigatórias, no mínimo, para os que reivindicassem quaisquer títulos de campeonato e, a critério de cada entidade, obrigatórias para os pais para os registros dos filhotes.

Devemos respeitar os padrões raciais caninos de cada país, mas devemos aprender a pensar com o nosso próprio cérebro, ou nunca seremos mais que uma sombra. Entre diferenciar, apenas para ser

original, e copiar sem qualquer questionamento, duas posturas totalmente irracionais, existem uma infinidade de posições que podem, e devem ser estabelecidas racionalmente levando-se em conta, principalmente, por democracia, justiça e inteligência, os anseios da enorme parcela do povo que possui ou gostaria de possuir cães de qualidade. E, em muitas vezes, mais do que gosta, precisa.

Felizmente o aparecimento da internet e de comunidades como o Orkut e posteriormente o Facebook permite que os criadores e proprietários de cães tenham um canal de comunicação direta entre si. Isso, sem dúvida, diminuiu o poder de uma minoria que falava em nome da cinofilia, como acontece em todas as áreas. Vislumbramos uma consciência cinológica que se desenvolve à sombra da Internet e que, talvez, venha salvar raças de sua degeneração, pela razão de que simplesmente não é o que quer a maioria dos seus proprietários. O impressionante retorno a atividades e a esportes ligados à proteção canina podem ser testemunhado nos últimos anos. No entanto, é uma esperança tênue, senão vã, imaginar conseguir dobrar o status quo estabelecido, onde a maioria dos dirigentes cinófilos não é de forma alguma constituída de elementos representativos dos cinófilos em geral. Não há como permanecer submissos aos desmandos das minorias. Minoria nas quais alguns nem mesmo criam cães, outros sequer possuem um só exemplar. Mas, uma vez parece mais cômodo e razoável começar tudo pelo início em raça ainda não degenerada ou recentemente formada já com seus proprietários já vacinados contra o vírus decorativo. Mas, acho louvável tentar salvar o que ainda existe.